Verte e Adaptação Corcel Dourado





Copyright©2024 by SARAH EDITORA

Projeto gráfico de capa e miolo: Leório Campos de Briho.

Jacobs, Joseph (1854 – 1916).
João e o pé de feijão: fi fai fou fão - (conto) / Joseph Jacobs (1854 – 1916) – verte e adaptação Corcel Dourado – [Ed. especial]. – Divinéia , MT : Sarah Editora (SE), 2024.
24 p.: il.

ISBN: 979-83-0381-299-4

1. Conto. 2. Ficção. Joseph Jacobs (1854 – 1916) – verte e adaptação Corcel Dourado. LIVRO BRASILEIRO. I Título

FORMATO: POCKET 10X14 CDU: 82-93
CDD: 028.5

Copyright "©" 2024. Todos os direitos reservados.
Proibida a reprodução parcial ou total, por qualquer meio.
Lei Nº 9.610 de 19/02/1998 (Lei dos direitos autorais).

15 de Dezembro de 2024. Produzido no Brasil.

SARAH EDITORA.
Rua Baleia, esquina com a rua Cachalote, s/n.
na Vila dos Elefantes. Divinéia , MT

SUMÁRIO

NOTA 07

Capitulo único 08

LEITURA BÔNUS - FI FAI FOU FÃO 18
SOBRE OS AUTORES 22
Joseph Jacobs 22
Corcel Dourado 23



FEE FI FO FUM

No original: FEE FI FO FUM, Sinto o cheiro do sangue de um inglês, esteja ele vivo ou morto, vou moer seus ossos para fazer meu pão.

Fa de faich (fa!) "veja"
Fe de Fiadh (taxa-a) "comida";
Fi de fiú "bom para comer"
Fo de fogh (fó) "suficiente" e
Fum de feum "fome".

Assim: *"Fa fe fi fo fum!"* torna-se *"Eis o alimento, bom para comer, suficiente para a minha fome!"*

No tempo do Rei Alfredo, muito longe de Londres, vivia uma pobre viúva. Ela tinha um único filho, que era muito rebelde e extravagante. Aos poucos, ele gastou todo o dinheiro que ela possuía. Um dia, pela primeira vez na vida, censurou-o:

— Filho malvado! Não tenho mais dinheiro nem sequer para comprar um pedaço de pão. Só o que me resta é a minha pobre e velha vaca.

João tanto amolou a mãe para vender a vaca, que ela acabou consentindo. Quando ele ia levando o animal, encontrou um açougueiro que lhe propôs trocar a vaca por uns grãos mágicos de feijão que ele levava no chapéu. João, julgando ser isso uma grande oferta, aceitou a proposta e voltou para casa. Quando sua mãe viu os feijões por que ele havia trocado a vaca, perdeu a paciência. Apanhou os grãos de feijão, atirou-os para fora da janela, e pôs-se a chorar. João tentou consolá-la, mas não o conseguiu. Como não tinham nada para comer, foram deitar-se com fome.

No dia seguinte, João acordou cedo e viu que alguma coisa estava fazendo sombra na janela de seu quarto. Levantou-se, desceu as escadas e foi ao jardim. Aí verificou que os grãos que sua mãe havia atirado pela janela, tinham germinado e o pé de feijão crescera surpreendentemente. As hastes eram grossas e tinham-se entrelaçado como uma trança. Estavam tão altas, que

davam a impressão de alcançarem as nuvens. João, que gostava de aventuras, resolveu trepar na árvore que se formara, até atingir o alto. Depois de levar algumas horas subindo, chegou a um país estranho. Ali encontrou uma bonita moça, elegantemente vestida, e com um sorriso encantador lhe perguntou como havia chegado até lá e ele lhe contou que subira pelo pé de feijão.

— Você se lembra de seu pai? Perguntou-lhe a moça.

— Não, senhora. Mamãe sempre chora quando falo nele e não me diz nada, respondeu o menino.

— Sou a fada protetora de seu pai, disse-lhe a moça. As fadas estão sujeitas a leis, como os homens, e quando cometem um erro, perdem o seu poder por alguns anos. Eu estava incapaz de ajudar seu pai quando ele mais precisou de mim e por isso ele morreu.

A fada parecia tão triste que João se sentiu comovido e pediu-lhe que continuasse a falar.

— Seu pai era um homem muito bondoso, — continuou a fada. — Tinha uma boa esposa, empregados fiéis e muito dinheiro. Teve, porém, uma infelicidade: um amigo falso, um gigante que ele havia ajudado muito e que, em retribuição, o matou e roubou tudo o que ele tinha. Também fez sua mãe prometer que nunca lhe contaria nada, sob pena de matá-los também. Eu não

pude ajudá-la. Meu poder só reapareceu no dia em que você foi vender sua vaca. Fui eu que fiz você trocar a vaca pelos feijões. Fui eu que fiz o pé de feijão crescer tão depressa e lhe inspirou o desejo de subir por ele. O malvado gigante vive aqui e você deve livrar o mundo deste monstro, que não faz outra coisa senão maldade... Pode apossar-se legalmente de sua casa e de suas riquezas, porque tudo pertencia a seu pai e é seu, mas não deixe sua mãe saber que você está a par desta história.

João perguntou-lhe o que devia fazer.

— Vá seguindo por esta estrada até encontrar uma casa grande, parecida com um castelo. É aí que o gigante vive. Então, aja de acordo com seu próprio modo de pensar. Seja bem sucedido... boa sorte!

A fada desapareceu e João caminhou até o sol se pôr. Com grande alegria, avistou a casa do gigante. Uma mulher de aparência simples estava à porta. Ele pediu-lhe um pedaço de pão e um lugar para dormir. Ela ficou muito surpresa e disse que não era comum aparecer ali um ser humano. Era sabido que seu marido, um gigante poderoso, não gostava de pessoas rodando perto de sua casa e ficava muito bravo… João ficou muito amedrontado, mas teve esperança de que o gigante não fosse tão ruim assim. Insistiu para que a mulher o deixasse passar a noite lá, escondendo-o do gigante. Finalmente, ela